André Pomponet

A peleja das “tchutchucas” e dos “tigrões” na reforma da Previdência

André Pomponet - 09 de abril de 2019 | 18h 31

Foi no mínimo patético o desempenho do ministro da Economia, Paulo Guedes, na audiência na Comissão de Constituição de Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados, no debate sobre a reforma da Previdência. Chamado até de “tchutchuca”, reagiu mal: “Tchutchuca é a mãe, é a avó”, rebateu a provocação do deputado Zeca Dirceu (PT-PR), filho de Zé Dirceu. Enquanto a oposição fustigava Guedes, a bancada governista – formalmente restrita ao PSL, o partido do presidente – se limitava à condição de plateia.

Quem circula pelos corredores do Congresso Nacional afirma que a proposta, do jeito que foi apresentada, não passa. Será expurgada a capitalização, o corte no Benefício de Prestação Continuada (BPC), as regras mais rígidas para a aposentadoria rural e o aumento do tempo mínimo de contribuição, que penaliza os mais pobres. É o que comentam parlamentares e alguns profissionais da imprensa divulgam.

Caso isso se confirme, parte das danosas propostas que produzirão prejuízos permanentes sobre muitos brasileiros será atenuada. O fracasso será garantido, sobretudo, se o novo regime insistir na retórica salvacionista e patrioteira como único instrumento de convencimento. Ninguém duvide que o repertório de quem pretendia refundar o Brasil não passe disso.

O que mais chamou a atenção na audiência, porém, não foi só o triste espetáculo em si. Foi a constatação – reiterada – de que o intrépido Jair Bolsonaro (PSL-RJ) recrutou incompetentes e destemperados para o seu ministério. Muitos, pelo jeito, transitam nos dois grupos. Três, até aqui, vem se sobressaindo: Ricardo Rodriguez (Educação), Damares Alves (Cidadania) e Ernesto Araújo (Relações Exteriores).

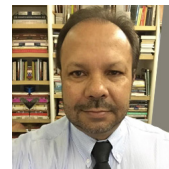
Provocado, Guedes – o festejado Posto Ipiranga da campanha eleitoral – reagiu como frequentador de furdunço de gafieira. Quem acompanha o noticiário político brasileiro sabe que a compostura costuma ser a regra entre quem ocupa postos do gênero. Na audiência, antes da provocação, o ministro já vinha investindo contra os parlamentares. Mais um convencido da função messiânica do novo regime? Pelo jeito, sim.

Note-se que o quiproquó mencionado acima se refere àquilo que emergiu como mais nobre neste governo: a reforma da Previdência. Se não conseguem conservar a compostura em relação a esse tema, considerado tão relevante, imaginem em relação ao resto. E, diga-se de passagem, o resto não é grande coisa: perfumaria, obscurantismo, clichês, piadas rasteiras e delírios persecutórios.

Terra plana, nazismo de esquerda, negação da ditadura militar e *golden shower* figuram entre as bizarrices e excentricidades que ocupam o noticiário desde janeiro. Às

vezes esses absurdos até provocam frouxos de riso, divertidas polêmicas nas mídias sociais, mas o momento do País é muito grave para se desperdiçar energia com essas barbaridades.

Pobreza crescente, desemprego alarmante, desmanche de serviços essenciais de saúde e educação, crise econômica e política entrelaçadas. E os ocupantes do Planalto perdendo tempo, enredados em suas miudezas, para perplexidade do cidadão que acompanha o noticiário...

Clique para ativar o plug-in Adobe Flash Player

LEIA TAMBÉM André Pomponet

Paradeiro na atividade econômica causa retração no PIB

Cães e gatos abandonados pelas ruas da cidade

Em decisão, Bahia de Feira foi castigado com gol no fim

AS MAIS LIDAS HOJE

1
Não agrega aliados: Líder do Governo c candidatura de Zé Neto

2 Frase do dia

3 PT lança Zé Neto como pré-candidato a de Feira de Santana

4 Vereador reclama de colegas durante pronunciamento: 'está pior que uma fe

5 Incêndio atinge a Catedral de Notre-Da Paris